

## DONA: O FEMININO EM CAMINHOS MULTIFACETADOS

CARVALHO, Luciene. **Dona**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2019.

Claudia Miranda S. M. Franco<sup>1</sup>  
Helenice Joviano R. Faria<sup>2</sup>

Nascida em Corumbá (MS), ainda antes da divisão dos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, Luciene Carvalho, poeta, nasce na baixada cuiabana para costurar sua poesia com a linha do feminino.

Sua escrita latente traz a cor e a força de um universo sensível e pela poética afiada, límpida, consciente e rebelde rompe com os fios sociais estereotipados para falar do ‘ser mulher’.

Luciene Carvalho é a mulher negra, dotada de um olhar místico sobre o feminino e de caminhos multifacetados. Sua escrita em **Dona** (2018) evoca olhares plurais, múltiplos, que não propõem um conceito fechado, mas oferecem um panorama que rompe com o silêncio e envolve a mulher ante o amadurecimento e todo o constructo de silenciamento em torno do feminino.

Na Obra, a maturidade feminina, ratifica o tornar-se ‘velha’. A fase é tratada com a maestria de quem não somente está totalmente engajada, mas que o saber ancestral constrói o compromisso de afeto, de erotismo, de sensualidade e a apresenta novos desafios de como lidar com a mudança frente aos olhares que nos cercam.

Descobrir-se dona não é tarefa fácil, posto que a poeta busca conduzir seu leitor a encontrar os sentidos de ser mulher na maturidade, ser ouvida e respeitada nessa nova fase.

Dividido em cinco nuances - Espelho, Caixa de Pandora, Chave, Semáforo e Mandala - cada um deles desbrava a construção do tempo e do ser feminino, metamorfoseando a *persona* dona de si a uma leitura que conduz à viagem introspectiva; é passar a história a limpo uma vez e outras mais, quantas forem necessárias.

Tem uma coisa  
em mim que não alcanço –  
como uma espera.  
Sou espectadora de mim mesma (...)

<sup>1</sup> Mestranda pelo PPGLETRAS. Ofertado pela UNEMAT-Câmpus de Sinop-MT. Email: [claudia.miranda@unemat.br](mailto:claudia.miranda@unemat.br).

<sup>2</sup> Professora do curso de Letras da Unemat. E-mail: [helenicefariaj@gmail.com.br](mailto:helenicefariaj@gmail.com.br)

Como nos arquétipos junguianos de persona e ego, a relação entre o que deveria ser e o que se é. Este ser expectadora de si é a busca entre o equilíbrio e o conhecimento de um novo ser que nasce do conflito e da redescoberta, permeia toda a obra.

Ao apontar significados múltiplos, transpõe a realidade vivida pela mulher nessa idade “canteiro”, nem menina, nem moça, nem velha. A representação poética dessa transição torna-se instrumento de conhecimento, traz reflexões e significações quanto a realidade das mudanças ocorridas na maturidade, a idade ‘canteiro’. Eis a travessia. Momento de olhar para dois lados, de escolher a direção e decidir para onde vai.

Em particular, o enunciado das divisões escolhidas por Luciene Carvalho assegura e sustenta o deslocamento da poeta na travessia em busca do novo lugar.

O Espelho - metáfora do olhar para si, e ao mesmo tempo para dentro – leva a poeta ao questionamento: “quando foi que me tornei dona”?

A pessoa  
deveria receber um treinamento,  
[...]  
Um amaciamento  
que ajudasse a lidar  
com a palavra  
dita assim na cara:  
SENHORA!  
Como souberam? (CARVALHO, 2019, p. 17).

O espelho é o duplo, o que se é e o que se vê carregado de simbologias. Impossível não remeter ao mito de Narciso e à questão da autocontemplação humana e seus desdobramentos. O estágio do Espelho em Lacan (1966) indica a transição do imaginário ao simbólico. E é justamente o fio da meada captado por Luciene Carvalho que tece os versos sobre a mulher madura, e desdobra as questões relacionadas à identidade e a posição do ser feminino frente ao mundo e a si mesma.

Em Caixa de Pandora, como no mito da caixa que esconde pragas para o corpo e para a mente, é aberta apresentando as ‘pragas’ que acompanham a maturidade vem à tona. ‘Ser mulher de 50’, o colágeno que falta, a memória que falha, o pano que surge para esconder alguma coisa. Totalidade mutável: velha demais para ser nova, nova demais para ser velha. E onde se encaixa essa mulher que abre a ‘Caixa de Pandora’, que encara o medo, espalha o caos?

Tem um silêncio imenso  
Morando em mim  
que às vezes  
escorre pelos meus olhos. (CARVALHO, 2019, p. 47).

Mas é a esperança que faz permanecer o mito da primeira mulher. Ser dona de si é o caminho encarado. Mulher plena que seduz e também atordoa. Elucida ligações significativas aos moldes do que Paulo Sérgio Marques (2007) chamará de reconciliação entre historicidade e atemporalidade. Para o autor, a mitocrítica é o modo como o ser humano preenche o vazio existencial com as imagens sugeridas pelas estruturas simbólicas, presentes na construção de padrões pessoais, as metáforas do mito como meio.

Na fase ‘Chave’, como metáfora desse domínio, a mitologia mais uma vez oferece caminho para sua compreensão. A chave pertence a Hades, filho de Thanos, senhor do tempo, e sua propriedade representa o contato com a morte. O abrir e o fechar quando se quer é o duplo: consciência e o domínio.



O tempo é ambíguo  
traz mudança  
traz saudade  
leva amados  
leva amigo.  
[...]  
Pois é no andar pelo tempo  
Que cada um mostra a cara. (CARVALHO, 2019, p. 77).

A mulher aqui, redescobre-se **Dona** de si. Rompe com padrões corpo ditatoriais de tempo. O que ‘convém’ ou não ‘nessa idade’, o processo de compreensão da dimensão pessoal se faz na liberdade do abrir e fechar, de saber entrar e sair dos diversos espaços.

Em ‘Semáforo’, a metáfora identitária da maturidade.

Não sou nova  
nem sou antiga,  
sou inteira (CARVALHO, 2019, p. 88).

A poeta acende o sinal verde. É o tempo de ir, de seguir: “Minha cabeça encontrou software, /tem programa. /Na minha cama/ dorme companhia que me quer. /No mais é dizer bom dia, /boa tarde-a bem verdade.” Esses versos resumem o caráter intencional desse momento, um novo tudo, novidade de vida.

Por fim, ‘Mandala’. Aos moldes do que afirma Viginia Woolf sobre a existência da “necessidade de necessidade de se chegar a alguma conclusão sobre um tema que suscita toda sorte de preconceitos e paixões” (WOOLF,1949, p.09), a mulher, nessa fase, reconhece sua maturidade como novo momento, despertar erótico, construção do novo feminino, símbolo mítico. Pelos arquétipos junguianos, esse é um instrumento de contemplação, desejo, tormento

e inferno. O sagrado também é presente, representação das funções psíquicas. Tem-se a representação da consciência, pois, as mandalas expressam equilíbrio e totalidade. Vem de lá o eco da voz de Luciene Carvalho: de 'meia idade', mítica. E no estranhamento diante do ser dona, oferece companhia tornando-se protagonista da cena.

## **REFERÊNCIAS**

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARQUES, Paulo Sérgio. A aurora dos deuses: uma defesa da mitocrítica. *In*: Dias, Marieta Prata de Lima (org.). **Língua e literatura: discurso pedagógico**. São Paulo: Ensino Profissional, 2007.

SOUZA, A. O. **Crítica Psicanalítica**. *In*: BONNICI, T; ZOLIN, L.O. (Orgs). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2.ed. Maringá: Edu em, 2005. p. 285-299.

WOOLF, Virginia. **Um Teto todo Seu**. São Paulo: Círculo do Livro, 1949.